

EXPLORANDO AS INUNDAÇÕES URBANAS: UMA ANÁLISE DO TRABALHO DO DUO PAISAGENS MÓVEIS EM BELO HORIZONTE

EXPLORING URBAN FLOODS: AN ANALYSIS OF THE WORK OF THE DUO PAISAGENS MÓVEIS IN BELO HORIZONTE

Mariana Alves MACHADO¹

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Este artigo, a partir de conceitos como o de remontagem do tempo de Didi-Huberman e significado das imagens de Boris Kossoy, tem como objetivo explorar os processos criativos e a forma como as complexidades por trás do trabalho “Três momentos de um rio” do duo Paisagens Móveis são abordadas, além de contextualizá-lo dentro do processo histórico de urbanização da capital mineira. O duo Paisagens Móveis, composto por Bárbara Lissa e Maria Vaz, a partir de seu trabalho, investiga as problemáticas das enchentes urbanas na cidade de Belo Horizonte. Por meio de múltiplas materialidades, fotolivro, escrita e vídeo, as artistas combinam elementos multidisciplinares como história urbana, urbanização e questões sociais para, a partir das artes visuais, criar sua narrativa sobre as complexidades da transformação da cidade ao longo do tempo e seu impacto na vida urbana.

PALAVRAS-CHAVE

Enchentes urbanas; artes visuais; arte contemporânea; montagem, fotografia.

ABSTRACT

This article, based on concepts such as Didi-Huberman's reassembly of time and Boris Kossoy's meaning of images, aims to explore the creative processes and the way in which the complexities behind the duo's work “Três momentos de um rio” Paisagens Móveis is addressed, in addition to contextualizing it within the historical process of urbanization of the capital of Minas Gerais. The duo Paisagens Móveis, composed of Bárbara Lissa and Maria Vaz, based on their work, investigates the problems of urban flooding in the city of Belo Horizonte. Through multiple materialities, photobooks, writing and video, the artists combine multidisciplinary elements such as urban history, urbanization and social issues to, using visual arts, create their narrative about the complexities of the city's transformation over time and its impact on urban life.

¹ Estudante de Graduação do 8º semestre do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e bolsista do projeto de Iniciação Científica “Autoria e processos criativos na fotografia”, cujo orientador é o Prof. Dr. Eduardo Queiroga e apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG, agenciado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Endereço do CV Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8501493589244161>. E-mail: mariana00alves@gmail.com. Belo Horizonte, MG, Brasil.



KEYWORDS

Urban floods; visual arts; contemporary art; montage, photography.

Introdução

Com o aumento das mudanças climáticas, as chuvas tornaram-se cada vez mais imprevisíveis e, conseqüentemente, as enchentes. Como resultado, a população continua a enfrentar esses eventos adversos e, embora diversas cidades do Brasil estejam implementando novas estratégias para conter as enchentes, o processo ainda é lento. A capital de Minas Gerais, Belo Horizonte não fica de fora da estatística. Conhecida por ser a primeira cidade “moderna” planejada do Brasil, seu projeto incluía a canalização de seus rios para criação de grandes avenidas e loteamentos. Construída para ser um símbolo da modernidade e do desenvolvimento urbano, a capital mineira tem sofrido, desde então, com os problemas estruturais consequentes de seu próprio planejamento, como as enchentes.

O processo de planejamento e urbanização da cidade de Belo Horizonte iniciou-se nos anos 1890 e foi concebido pelos engenheiros Aarão Reis e Francisco Bicalho, a proposta do governo mineiro era transferir a capital, que se encontrava em Ouro Preto, para um local que não sofresse as influências do passado colonial e imperial brasileiro.

Belo Horizonte foi uma invenção de republicanos abrigados no governo mineiro, planejada e construída sobre o arraial de Curral D’el Rey. Fazer desaparecer (ou ao menos apagar, esquecer) sua marca colonial exigiu não apenas destruir seu corpo arcaico e caótico: era preciso fazer nascer outro corpo – um divino corpo da República, moderno, higiênico, marco zero de outra civilidade, em contraste com Ouro Preto. (Moreno, A.; Vago, T. M., 2011, p. 68).

A topografia, disponibilidade de terras e, especialmente, o acesso à água foram fatores determinantes para a escolha do local para a construção da nova capital de Minas Gerais em detrimento de outras localidades como Várzea do Marçal, Juiz de Fora, Barbacena e Paraúna (Borsagli; Bernardes, 2016). O traçado das ruas foi influenciado pelos padrões estéticos europeus e também a forma de lidar com os



curtos de água, visto que cidades europeias como Paris e Viena já haviam adotado as tecnologias de canalização em suas zonas urbanas. Apesar dos rios e ribeirões proporcionarem fácil acesso aos recursos hídricos, os canais a céu aberto eram vistos como facilitadores para o acúmulo de esgoto e para a propagação de doenças, dessa forma, as canalizações eram vistas como recursos higienistas de saneamento de água e esgoto, além de uma estratégia para a economia de espaço, agilização do escoamento de água e planejamento de vias (Fundação João Pinheiro, 1997).

Movimento higienista surgido na Europa do século XIX, que preconizava como medida de saúde pública a eliminação sistemática das águas paradas ou empoçadas nas cidades assim como dos dejetos domésticos jogados nas vias públicas. Surge o conceito de evacuação rápida para longe, por meio de canalização subterrânea, de toda a água circulante na cidade, passível de ser infectada ou contaminada por dejetos humanos ou animais (Silveira, 1998, p.3).

Como destacado por Valdete Lima et. al. (2012), mesmo com o surgimento de novas estratégias de drenagem, o paradigma higienista de canalização ainda prevalece no Brasil, especialmente em Belo Horizonte, onde aproximadamente 25% dos rios foram canalizados, e o traçado natural dos cursos d'água foi desrespeitado. Além disso, a canalização dos rios, realizada em concreto, transforma os canais em estruturas impermeáveis, o que aumenta a velocidade de escoamento da água e, conseqüentemente, favorece a formação de enxurradas e alagamentos (Rodrigues, 2020). A cidade de Belo Horizonte tem crescido exponencialmente, ocupando atualmente a 6ª posição dentre as maiores cidades do Brasil (IBGE, 2023) e paralelamente a esse crescimento populacional, tem-se observado um aumento significativo das enchentes e seu impacto na vida urbana.

Diversos artistas têm se dedicado a explorar esse tema por meio de diferentes materialidades. Dentre esses artistas, destaca-se aqui o duo Paisagens Móveis, um coletivo mineiro composto pelas artistas Bárbara Lissa e Maria Vaz. Trabalhando juntas desde 2017, seus trabalhos passam por temas que flertam com a narrativa ficcional, no qual são criadas outras realidades ou um universo onírico como em seu trabalho “Óris” (2019-2022), por trabalhos documentais e que mesclam com a temática ambiental como “Quando o tempo dura uma tonelada” (2021) e por



trabalhos que mesclam essas duas abordagens como em “Três momentos de um rio” (2017-2021), seu primeiro trabalho.

Barbara Lissa e Maria Vaz iniciaram suas pesquisas sobre os rios de Belo Horizonte, suas canalizações e drenagens em 2017. Essas pesquisas se desdobraram no trabalho aqui apresentado, “Três momentos de um rio”, que se apresenta de forma ampla, abrangendo três formatos diferentes, com dois vídeos: “O rio há de inundar todos os homens” e “Por onde escoar o azul”, produzidos em 2018 e 2019, respectivamente e por meio de um fotolivro e folhetim que são pensados e veiculados juntos e foram publicados em 2021 com auxílio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.

Como afirmam as artistas em um trecho de seu site oficial, seu trabalho e pesquisa foram influenciados pelas inquietações acerca das condições ambientais belorizontinas:

Além da pesquisa histórica, anualmente registramos os períodos de chuva que causam alagamentos devido à falta de escoamento, o que nos levou a criar um futuro distópico para a cidade, datado para 2025, quando a cidade termina alagada e submersa após uma grande tempestade. Em 2020, o Brasil, e o mundo, assistiu as consequências catastróficas frente ao volume de chuva em Belo Horizonte, que foi o maior em 112 anos. As canalizações tiveram início com a justificativa de que progresso industrial acabaria com os esgotos a céu aberto e de que conteria alagamentos, mas o que vimos ao longo dos quase cem anos de canalização, foi que a cada ano as enchentes crescem e mais rios morrem na paisagem (Duo Paisagens Móveis).

O trabalho tem a intenção de reforçar uma reflexão e uma denúncia sobre como a formação de Belo Horizonte “engoliu” os rios da cidade ao longo dos anos.

Trabalho Poético

O trabalho de Bárbara e Maria tem como objetivo levar a discussão sobre as enchentes belorizontinas para o campo das artes visuais, manifestando-se em três formatos: fotolivro, vídeo e folhetim. Essas três materialidades são fortes e independentes entre si, além disso, juntas suas estruturas se complementam, ganhando ainda mais força, evidenciando um trabalho poeticamente rico e sólido. No fotolivro, vídeos e nas fotos presentes no folhetim, Barbara Lissa e Maria Vaz



intercalam capturas próprias, imagens apropriadas, atuais e antigas, e em algumas, elas empregam a metodologia da intervenção digital. A escolha dessa estratégia não é aleatória, a manipulação de fotografias, utilizada por artistas como Man Ray, Grete Stern e Dora Maar, é portadora do poder de influenciar a percepção de uma imagem.



Imagem 1. Frame retirado do vídeo “Por onde escoa o azul”, Paisagens Móveis, 2018 7cm x 12,48 cm. Fonte: Site do Duo Paisagens Móveis

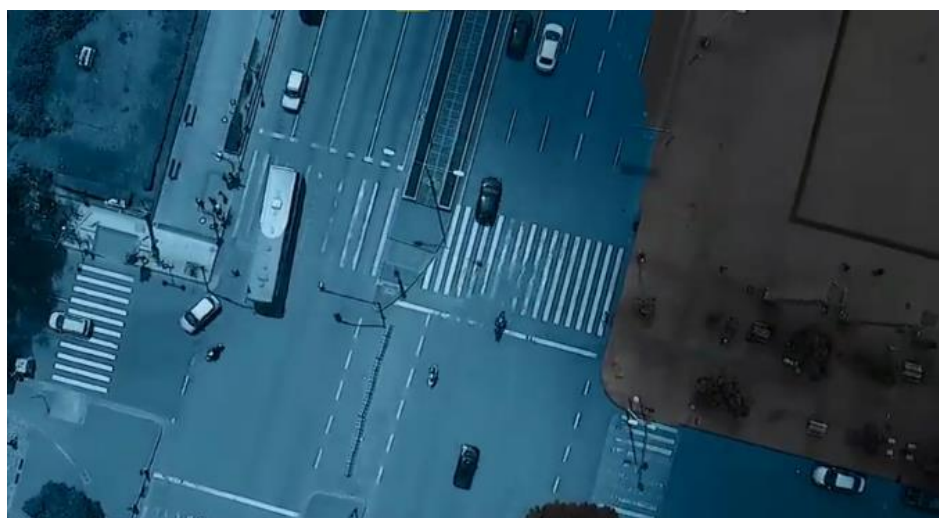


Imagem 2. Frame retirado do vídeo “Por onde escoa o azul”, Paisagens Móveis, 2018. 7cm x 12,47cm. Fonte: Site do Duo Paisagens Móveis

No trabalho como um todo, é possível observar o azul tomando conta da paisagem, a manipulação das imagens incorpora sobreposições transparentes em tons de azul, simbolizando o domínio da água sobre prédios, casas e ruas. Em um dos vídeos do



trabalho, “Por onde escoa o azul”, representado aqui pelas imagens 1 e 2, além do azul tomando conta, percebe-se, ao longo do vídeo que o concreto, asfalto e cidade também ficam mais presentes, o azul assume a representação do rio, ou do local onde ele deveria estar.

É criada uma narrativa fictícia, presente especialmente no vídeo e no fotolivro, na qual Belo Horizonte é envolvida por um azul representando a água, que gradualmente toma conta da cidade, a transparência é uma forma de representação simbólica, uma alusão à retomada desse azul que foi tirado há tempos de uma cidade que tem se tornado cada vez mais cinza. As imagens revelam a transformação de Belo Horizonte, que antes trabalhou pelo gradual sepultamento dos rios ao longo do tempo e que agora, se vê dominada pelo rio novamente, um rio que se faz presente e decide seu futuro.



Imagem 3. Trecho do fotolivro do duo Paisagens Móveis, 2021. 7,36cm x 13,17cm.
Fonte: Site da editora LovelyHouse.

O fotolivro do trabalho “Três momentos de um rio”, lançado em 2021 e veiculado junto com o folhetim, possui 68 páginas e dimensões de 15cm de altura por 21cm de comprimento e, assim como a montagem das imagens interfere no sentido do trabalho, algo que será discutido mais à frente, seu formato horizontal permite a disposição de fotografias de plano aberto da cidade, como ilustrado na imagem 3, e contribui para a construção poética do fotolivro ao se assemelhar, a partir do seu formato, à própria forma de um rio.



Dentro do fotolivro, encontram-se imagens de dimensões variadas e trabalhadas de diversas formas, com e sem intervenção das manchas azuis ou sobreposições, tudo isso tece ricamente a tapeçaria visual do trabalho e o confere dinamicidade e fluidez.

As fotografias do arquivo público de Belo Horizonte, imagens antigas, aliadas às fotografias atuais de captura própria das artistas, contribui para a narrativa do trabalho ao mesclar o passado e o presente da capital mineira e criar o caminho para que o futuro seja traçado.



Imagem 4. Imagens presente no fotolivro "Três momentos de um rio", Paisagens Móveis, 2021. 9,26cm x 13,79cm. Fonte: Site do Duo Paisagens Móveis.

As imagens e jornais antigos apropriadas do arquivo público de Belo Horizonte, inicialmente capturadas com o propósito de registrar a realidade, como no caso das fotografias e notícias das drenagens pluviais, são ressignificadas pelo duo (imagem 4), levando-as para um caminho distinto daquele de sua finalidade original. Essa nova realidade é construída principalmente por meio da intervenção digital, mas também pelo, talvez, maior responsável pela mudança de significado de imagens: o tempo.

Se Sontag (2004) dizia que o fascínio das fotos cria um sentimentalismo, que as transforma em objetos de nostalgia e embaralha as distinções morais, o trabalho do



duo contrapõe-se a esse olhar afetuosos, revisitando as imagens do passado sombrio das drenagens pluviais para investigar como foram concebidas e com que mentalidade, a partir da criação de um novo diálogo com as imagens.

A ressignificação de imagens acontece com o passar do tempo, mas também a partir das mudanças de gerações e pensamento de uma sociedade. "Uma foto é apenas um fragmento e, com a passagem do tempo, suas amarras se afrouxam. Ela se solta à deriva num passado flexível e abstrato, aberto a qualquer tipo de leitura (ou de associação com outras fotos)." (Sontag, 2004, p. 86). Boris Kossoy também dizia sobre o significado das imagens ao longo do tempo, e que embora uma fotografia tenha a intenção de retratar um acontecimento, ela tem uma realidade própria, que em seu conceito de realidades Kossoy chama de segunda realidade (2009).

Nessa segunda realidade o significado é mutável e varia de como e onde a imagem será veiculada. "A fotografia tem uma realidade própria que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto, objeto do registro, no contexto da vida passada." (Kossoy, 2009, p. 22). Nesse sentido, o trabalho "Três momentos



Imagem 5. Fotografia do presente no Folhetim, Paisagens Móveis, 2021. 9,94cm x 10,2cm. Fonte: Site do Duo Paisagens Móveis.



de um rio” flerta com as possíveis mudanças de significado de uma fotografia ao usar imagens de arquivo, que em um momento do passado tiveram a exaltação das encanações como foco e que agora são usadas para criticar essa temática.

A partir da imagem 5, observa-se o uso que as artistas fazem ao apropriar-se das fotografias de construções das drenagens e encanamentos fluviais, além disso, também é feito uso da intervenção com o azul assim como no vídeo (imagem 1 e 2) e no fotolivro (imagem 3). A utilização de fotografias de arquivo neste projeto é estratégica, seu uso é feito com o objetivo de contrastar o que representava o progresso nas imagens da época com a realidade atual de inundação. O trabalho explora as interconexões entre enchentes, asfaltamento, criação de ruas e a canalização dos rios, sugerindo uma visão equivocada de progresso.

Por progresso, entende-se como o avanço ou melhoria de determinado assunto, e é relativo, ou seja, pode variar de acordo com contextos históricos, sociais e culturais. No âmbito urbano, entre os períodos de 1920 a 1970, no contexto da urbanização belorizontina, que cresceu exponencialmente a partir de 1920, as drenagens foram incentivadas novamente e, assim como no início da construção de Belo Horizonte, essas intervenções eram vistas a partir da política higienista e consideradas como algo positivo e de melhoria para a vida urbana.



Imagem 6. Fotografia presente no fotolivro "Três momentos de um rio", Paisagens Móveis, 2021. 7,78cm x 11,53cm. Fonte: Site do Duo Paisagens Móveis.



Um exemplo disso é evidenciado na imagem 6, na qual as artistas se apropriam de uma fotografia que retrata a chegada do "asfalto" e das canalizações, incentivadas por meio de placas e manchetes. Em seu então mandato como prefeito da capital mineira no período de 1940-1945, Juscelino Kubitschek foi grande defensor dos encanamentos:

(...) depois dessas obras de saneamento (...) não constituem mais ameaça à saúde da população. Hoje são motivos de embelezamento para a cidade (...) o que, indiscutivelmente, representa uma conquista no setor das garantias oferecidas à saúde da população (Revista leitura, 1942, p. 55, 61).

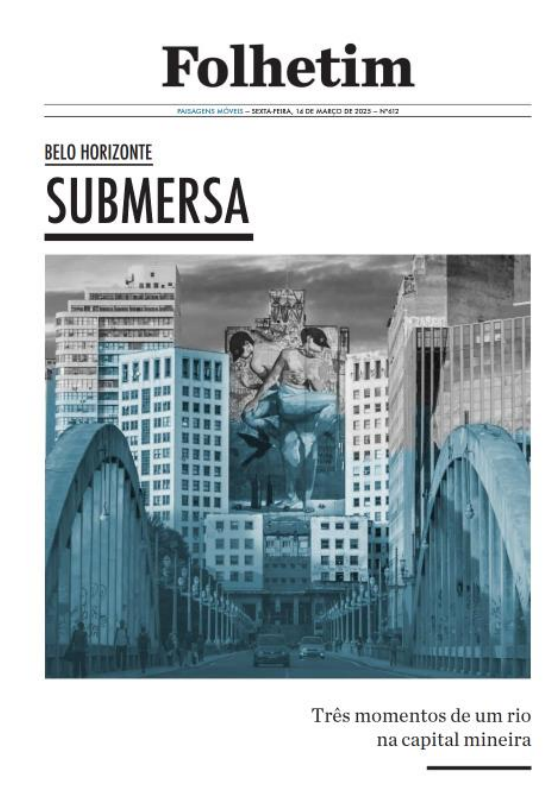


Imagem 7. Capa do folhetim, Duo Paisagens Móveis, 2021. 10,49cm x 7,41cm. Fonte: Site do Duo Paisagens Móveis.

Além dos trabalhos predominantemente visuais do duo, as artistas produziram um trabalho composto principalmente por texto: um folhetim. Neste projeto, elas escolheram desenvolver a ideia de um jornal, abrangendo desde a escolha do papel e a diagramação até a impressão. O folhetim tem aproximadamente o tamanho de uma folha A4.



O duo cria um futuro distópico situado no ano de 2025 no qual as notícias dos acontecimentos são narradas neste folhetim (imagem 7). São apresentadas “notícias” sobre o alagamento de Belo Horizonte contado a partir da visão dos moradores da cidade e alguns trechos de relatos, uma espécie de entrevista feita com os moradores relembrando como era a vida antes do alagamento e como foi quando aconteceu.

O trabalho em questão, assume um papel de anunciação, premonição de uma cidade que não se conciliou com a água e foi, então, inundado por ela.

Construção da poética

O Paisagens Móveis, em seu trabalho na montagem e apropriação de fotografias de arquivo da construção das drenagens fluviais em Belo Horizonte, flerta com o conceito de remontagem do tempo de Georges Didi-Huberman. Para Didi-Huberman (2016), a remontagem do tempo acontece ao olhar para momentos da história a partir de outra perspectiva, recolocá-los em outros lugares de interpretação, como uma forma de criar entendimentos a partir de novas temporalidades. Bárbara e Maria olham para imagens do passado de Belo Horizonte e as colocam em outro fluxo de pensamento, um fluxo diferente daquele que deu objetivo ao registro das drenagens.

O trabalho não deseja criar uma narrativa totalmente nova, seu objeto de interesse é remontar a interpretação das imagens do passado e sugerir um futuro catastrófico, ficcional, mas que traz um alerta sobre um possível futuro para Belo Horizonte, um futuro não tão ficcional, mas tão preocupante quanto. O desejo das artistas é repensar aquela memória, que, para a época na qual as fotografias foram feitas, era o progresso sendo feito.

Os retratos, fotografias de cidade, de registro de construções, manchetes de jornais e notícias dos trabalhos são dispostas levando em conta as estratégias de montagem para fortalecer a construção poética proposta, que é a ideia de que a água está gradualmente tomando conta de Belo Horizonte. A montagem é entendida aqui como a disposição de imagens em uma ordem específica, dispostas lado a lado



ou em sequência, onde as imagens se transformam em potência visual para transmissão e criação de um significado. A partir da obra do historiador Aby Warburg (Santos, 2019) vislumbra-se a potência da montagem quando se trata de interpretação de imagens principalmente, Warburg foi um historiador da arte que investigou a relação entre imagens e seu contexto histórico e cultural, seu Atlas Mnemosyne é um exemplo de como imagens aparentemente diferentes podem ganhar um sentido em comum quando organizadas em conjunto.

O duo Paisagens Móveis não recorre à intervenção urbana neste trabalho. No entanto, por meio do uso de diversos formatos, o trabalho vai além da mera documentação visual e mergulha em questões morais relacionadas ao progresso e à intervenção humana no meio ambiente. Anualmente, durante os períodos chuvosos em Belo Horizonte, as enchentes causam danos às casas e às histórias dos moradores, sendo esse o cerne temático desta obra.

Considerações Finais

A história de Belo Horizonte é entrelaçada com a saga da água, desde o início de seu planejamento e urbanização até os desafios contemporâneos das enchentes urbanas. O duo Paisagens Móveis, através de seu trabalho artístico multifacetado, oferece uma reflexão sobre esse tema, mergulhando nas camadas dos arquivos históricos, o duo explora a questão da relação entre a cidade e seus rios canalizados. As artistas revelam a potência da montagem e da intervenção digital na interpretação das imagens, reconfigurando o entendimento do progresso urbano e as consequências das intervenções humanas na paisagem. A partir de seu fotolivro, folheto e vídeos como uma ferramenta de narrativa visual, o duo nos leva a repensar a percepção das imagens e suas conexões com o passado e o presente.

Neste contexto, o fotolivro, os vídeos e o folheto não apenas documentam a transformação da cidade, mas também convidam o espectador a uma jornada poética através do tempo e do espaço, onde as águas de Belo Horizonte emergem como protagonistas de uma narrativa complexa. O trabalho do Paisagens Móveis evidencia as questões das enchentes urbanas e serve como um convite para uma reflexão mais profunda sobre a relação entre natureza e urbanização, destacando a



importância da arte na abordagem de questões sociais e ambientais urgentes. Ao final, somos deixados com uma provocação para repensar não apenas a paisagem física, mas também as paisagens emocionais e simbólicas que habitamos, questionando o que significa verdadeiramente o progresso e o desenvolvimento em um mundo onde a água continua a moldar nossas vidas e cidades.

Referências

BONTEMPO, V. L. et al. Gestão de águas urbanas em Belo Horizonte: avanços e retrocessos. **Revista de Gestão de Água da América Latina**, Porto Alegre, v. 9, nº. 1, p. 5-16, jan./jun. 2012

BORSAGLI, A.; BERNARDES, B. Sob o asfalto do progresso: os rios invisíveis da zona urbana de Belo Horizonte. **Revista Eletrônica do Arquivo Público de Belo Horizonte**, Belo Horizonte, v. 3, nº 3, p. 25-45, set. 2016. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de-cultura/2023/reapcbh-v.3-2016.pdf> . Acesso em 17 jun. 2024.

DIDI-HUBERMAN, G. **Remontar, remontagem (do tempo)**. Tradução de Milene Migliano. Belo Horizonte: Chão da Feira. nº 47. 2016. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno-n-47-remontar-remontagem-do-tempo/> . Acesso em 20 de abr. 2024

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Saneamento básico em Belo Horizonte: trajetória em 100 anos. Belo Horizonte** - Os serviços de água e esgoto. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997. 315 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama, Brasil, Minas Gerais, Belo Horizonte**. 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/panorama> . Acesso em: 20 mar. 2024.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 4ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial. 2009. 152 p.

Três Momentos de um Rio . Duo Paisagens Móveis. LovelyHouse, 2024. Disponível em: <https://lovelyhouse.com.br/publicacao/tres-momentos-de-um-rio-duo-paisagens-moveis/> . Acesso em: 02 de mai. 2024.

MORENO, A.; VAGO, T. M. Nascer de novo na cidade-jardim da República: Belo Horizonte como lugar de cultivo de corpos. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 3 (66), p. 67-80, set./dez. 2011.

PAISAGENS MÓVEIS. **Duo Paisagens Móveis**. 2020. Disponível em: <https://www.paisagensmoveis.com/tr%C3%AAs-momentos-de-um-rio-1> . Acesso em: 02 de mai. 2024.

RODRIGUES, L. A. A. **Impacto do processo de urbanização na formação de enchentes e alagamentos em Belo Horizonte, MG**. 2020. 67f. Trabalho final (Especialização em Recursos Hídricos e Ambientais.) – Universidade Federal de Minas Gerais, Montes Claros, 2020.



SILVEIRA, A.L.L. Hidrologia Urbana no Brasil. *In*: BRAGA, B.; TUCCI, C.E.M.; TOZZI, M. (Org.). **Drenagem Urbana, Gerenciamento, Simulação, Controle**. ABRH Publicações. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998. nº 3, p. 7-25.

SONTAG, S. **Sobre Fotografia**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2004. 224p.

SANTOS, C. G. X. R. Aby Warburg, a função rememorativa das imagens e o tempo: relatos e análises de Didi-Huberman acerca da sobrevivência das imagens. **Temática**, v.15, n. 7, p.15-25, jul/2019